



Quinto Jornalismo: Uma Proposta de Debate sobre a Comunicação e a Sociedade Pós Industrial¹

Antonio Carlos SENKOVSKI ²
Elza Aparecida de OLIVEIRA FILHA ³
Universidade Positivo, Curitiba - PR

Resumo: O texto traz um relato do surgimento da propriedade e faz uma ponte entre o jornalismo e a manutenção da ordem burguesa até os dias atuais. A análise coloca a concentração de propriedade, permitida a partir da sociedade moderna, como principal responsável pela monopolização midiática e sua influência hoje na internet. Coloca-se a necessidade de lançar um olhar holístico sobre a temática da propriedade, analisando a sociedade a partir do materialismo histórico. A crítica à formação da modernidade subsidia o debate da necessidade de combater a concentração de propriedade de modo geral – no caso deste primeiro voo sobre o aspecto da terra urbana –, tendo em vista que o acúmulo excessivo de bens não é uma exclusividade da mídia. O blog e o livro digital são então apontados como alternativas para desencadear um processo de mudança na lógica da concentração a partir da criação de novos espaços midiáticos na internet.

Palavras-chave: Democratização da comunicação, direito à comunicação, novas tecnologias, possibilidades da internet, propriedade.

1. INTRODUÇÃO

A história do jornalismo contada por Ciro Marcondes Filho aponta uma influência direta da situação histórica e do pensamento econômico do século XVII nas páginas dos primeiros jornais. Tal é a intensidade desse processo, em seu ponto de vista, que é possível “colar” seu nascimento ao da economia moderna de mercado. O que dizer então do exercício do jornalismo atual, em um contexto em que a principal bandeira do capitalismo é a “abertura” e globalização do mercado? Será o suspiro mais fundo da informação como mercadoria no sentido de incentivar a especulação financeira?

O neoliberalismo, que domina em boa parte essa rede de informação no contexto atual, concede poder àquele que têm controle sobre a mídia e acesso privilegiado a ela, o que explica a concentração de concessões – no caso de rádio e televisão – a poucas empresas por interesses mercadológicos, reafirmando a lógica do jornalismo de organização monopolista. A partir do caldo formado por essa estrutura midiática é que se torna possível trazer uma espécie de atualização à divisão de classes, da teoria marxista.

Dizard traz essa possibilidade, já que divide, a continuar a atual tendência, o surgimento de duas classes: a que tem e a que não tem acesso fácil à informação. Isso coloca, segundo ele,

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Website e Portal, modalidade avulso.

² Aluno do 8º. Semestre do Curso Comunicação Social – habilitação em jornalismo, da Universidade Positivo, email: acsenkovski@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Positivo, email: elza_ap@hotmail.com.



o primeiro como dominador do segundo grupo, no qual surge um *lumpem* proletariado pós-industrial.

Em um contexto como esse, a internet é uma ferramenta que permite pensar sobre a perspectiva da nova divisão. A criação de possibilidades à participação na comunicação através de formas diferentes das disponíveis na mídia tradicional impressa, televisiva e radiofônica, traz um cenário otimista no sentido de uma esfera participativa, em um primeiro momento. Mas não há como negar a ocorrência da mesma lógica monopolista da comunicação tradicional operando em algum grau na internet. No jornalismo digital de hoje, de acordo com levantamento feito pelo site Alexa.com - especializado em formular *rankings* das páginas eletrônicas mais acessadas -, UOL, Globo e Terra são os sites de notícia mais visitados no Brasil (ALEXA, 2010). Todos eles são vinculados a grandes grupos de comunicação. Tal fato mostra que as grandes empresas de comunicação, assim como os estudantes de jornalismo, também se preocupam e muito com a inevitável “convergência” das mídias.

(...) A internet atualmente domina os planos estratégicos da indústria da mídia de massa. Todas as grandes firmas de mídia, e a maioria das menores também, estão adaptando suas operações para a realidade da Internet. Essa não é uma transição fácil. As empresas de mídias clássicas têm agora que competir entre si pelos clientes na Internet. Têm que lidar, também, com outros provedores de clientes na Internet. Têm que lidar, também, com outros provedores de informação, iniciantes na produção e distribuição de mídia de massa (DIZARD, 2000, p. 27).

Convergência “é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando” (JENKINS, 2008, p. 27). E é por este conceito, mesmo sabendo da concorrência desleal com as mega-corporações da comunicação, que o presente trabalho ousa descrever o início de um novo tipo de jornalismo, o quinto, para se juntar aos quatro da classificação de Ciro Marcondes Filho.

O autor classifica a história do jornalismo em quatro grandes momentos. O “primeiro jornalismo” teve basicamente o “sentido de exposição do obscurantismo à luz quanto de esclarecimento político e ideológico” revolucionário burguês. O “segundo jornalismo” foi o que deu origem aos jornais como empresas, e começou a consolidar o jornalismo à categoria de produtor de uma mercadoria. Já o “terceiro jornalismo” é o dos monopólios de comunicação, só ameaçados pelas guerras e recessões da economia. Finalmente, o quarto e último jornalismo é o da era tecnológica, iniciado a partir de 1970 (MARCONDES FILHO, 2002).

O quinto jornalismo, proposto por este trabalho, se refere a uma proposta de mudança na base da prática exercida até o presente momento, como uma “terceira via” do jornalismo pós-utópico. O conceito nasce em um contexto difícil de reafirmação dos princípios despóticos



do livre mercado neoliberal e da monopolização midiática, mas traz em si o potencial para transformar as relações de produção da informação com a convergência eletrônica contra a hegemonia midiática. É neste campo que o trabalho se insere, considerando a necessidade da criação de novos espaços de mídia democrática, no qual se retoma os princípios do jornalismo utópico, do início das revoluções iluministas, e as possibilidades técnicas conquistadas nas últimas décadas capazes de promover uma maior interatividade na rede.

2. OBJETIVO

O objetivo foi construir um livro-reportagem *on-line* sobre a problemática da moradia em Curitiba utilizando-se da proposta de um “Quinto Jornalismo”. Com esse instrumento foi possível fomentar a criação de uma cultura de debate sobre o papel da internet – com a temática dos movimentos por moradia – na própria rede; discutir o papel do jornalista e propor a classificação do jornalismo em uma quinta fase em decorrência do contexto da sociedade pós-industrial; construir, a partir dos debates, a sistematização do livro-reportagem *on-line* com vínculos a conteúdos do próprio blog e a outros *sites*; alertar o internauta para o processo da mundialização e da quebra da soberania do Estado pelas grandes corporações privadas; caracterizar, com os produtos, a possibilidade de se criar, com baixíssimo custo, ferramentas didáticas com viés participativo, analítico e crítico sobre a percepção de implicações conjunturais e estruturais da sociedade; e denunciar, com base na delimitação de um recorte para o ano de 2010, as práticas segregacionistas que acontecem na urbanização, utilizando como estudo de caso o processo de ocupação urbana de Curitiba.

3. JUSTIFICATIVA

Segundo relatório de 2009, da Organização das Nações Unidas (ONU), no mundo, “cerca de um bilhão de pessoas vivem em condições de moradias precárias e superlotadas, em favelas ou assentamentos informais urbanos, muitas delas situadas em locais com risco de inundações ou deslizamentos de terra”⁴. Já no Brasil, a Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD, 2007), feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima que 54 milhões de pessoas vivam em condições inadequadas de moradia.

Cabe ressaltar em que consiste o conceito de moradia adequada. O acesso a este direito vai além do acesso à propriedade, “na medida em que se entende moradia como um direito de subsistência, que deixa de ser fruto somente da capacidade econômica dos indivíduos” (PNAD, 2007, p.67).

⁴ Tradução livre do autor.



Em uma primeira análise, pode parecer contraditório pensar que com a internet poderia se fazer uma discussão sobre moradia, afinal, teoricamente as pessoas sem casa têm menos acesso à internet. Dados do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.BR) mostram que apenas 18% dos domicílios no país têm acesso à web. Isso é menos do que o total de pessoas sem acesso à moradia adequada no Brasil (54 milhões de pessoas), e vale ressaltar que está na estatística dos 49 milhões somente aquele que teve acesso à web nos últimos três meses.

Mas será que o assunto “falta de moradia” envolve mesmo somente as pessoas sem-teto? Não há dúvida de que essas são importantíssimas para concretizar e mostrar que são pessoas, com direitos humanos e que deveriam ser garantidos pelo Estado, assim como prevê o Artigo 6º, do Capítulo II da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados” (BRASIL, 1988).

No entanto, cabe ressaltar que o fato de existir mais pessoas sem casa do que pessoas com acesso à internet não é uma realidade que distancia esses dois grupos, pelo contrário. A concentração de um lado, com poucos utilizando a internet, só acontece porque há a geração de pobreza do outro, é o princípio básico do capitalismo. “A burguesia coloca obstáculos cada vez maiores à dispersão da população, dos meios de produção e da propriedade. Aglomerou populações, centralizou meios de produção e concentrou a propriedade em algumas poucas mãos” (ENGELS; MARX, 1998, p.16). A aparente contradição na verdade traz a essência do motivo pelo qual acontece a concentração, seja de informação (que pode levar a outras concentrações), seja de casas, lotes, prédios, favelas e miséria. É o resultado do “acúmulo primitivo” que acontece desde a formação do estado natural, de John Locke, utilizado para justificar o motivo pelo qual alguns acumulam mais do que os outros, como se fosse um “pecado original” a razão por alguém viver na pobreza ou na riqueza:

Em tempos muito remotos – dizem-nos – havia, de um lado, uma minoria de pessoas inteligentes, trabalhadoras e sobretudo, frugais; de outro lado, um bando de velhacos preguiçosos que esbanjavam o que tinha e o que não tinham... Assim se explica que, enquanto os primeiros acumulavam riquezas, os outros acabaram não tendo nada mais a vender além de suas próprias peles. Deste pecado original procede a pobreza da grande maioria que cresce incessantemente, ainda que há muitíssimo tempo seus proprietários tenham deixado de trabalhar. (MARX apud HUNT & SHERMAN, 2000, p.99)

Do Estado natural de Locke ao início da constituição de uma sociedade denominada pós-industrial, não há como negar a figura do sentimento burguês como grande determinante da sociedade moderna. Os jornais nasceram com a Revolução e o jornalismo de hoje continua, em alguns aspectos, com um objetivo comum aos primeiros periódicos - afirmação dos princípios burgueses de liberdade (para acumular) e igualdade (para trocar).

Com o desenrolar da prática jornalística, que a fez passar pelos seus quatro momentos históricos (MARCONDES FILHO, 2000), percebe-se que a imprensa gradativamente passa a gerar alguns efeitos como a falta de continuidade e a falta de criação de vínculos entre as notícias (transformação de notícias em produto industrial). A vinculação e criação de sentido entre as informações dispostas na mídia são não só uma necessidade, como um desafio aos jornalistas da sociedade pós-industrial e a este trabalho.

Torna-se cada vez mais necessário - além de possível do ponto de vista tecnológico e dialeticamente adequado ao momento histórico - o início de um quinto jornalismo, embasado no debate como forma de propiciar um processo de universalização do ser livre para se expressar. Embora esta dinâmica não possa acontecer somente pelas possibilidades tecnológicas.

Mas ainda assim, é necessário considerar a importância do preenchimento da lacuna do conteúdo agregador de conhecimento, que permita as pessoas fazerem ligações, já que “o mais fácil, na comunicação, ainda são as ferramentas; o mais complicado, os homens e a sociedade” (WOLTON, 2007, p. 47). A tecnologia por si só não muda os hábitos das pessoas. Se ao menos uma pessoa – ao clicar em uma fala de determinado personagem e ler, ouvir ou ver a entrevista no blog – percebeu que muito conteúdo se perdeu ao se adequar aquela fala ao contexto livro, já haverá o início de uma ruptura histórica na maneira como se fez jornalismo até hoje.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Embora não haja um conceito definido sobre o livro-reportagem pensado especificamente para a internet, este caminhou próximo ao que representa o livro-reportagem impresso perante a grande mídia, “como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados” (LIMA, 1993, p.07). Isso no conceito pelo qual ele “penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos” (LIMA, 1993).

No entanto, se a defesa à propriedade como sinônimo de liberdade (chave para se entender os problemas sociais – da falta de moradia à concentração midiática) aparece insistentemente na grande imprensa periódica, o debate e a construção, feitos no blog, deste produto estão em um sentido um pouco diferente. Isso porque um livro-reportagem, a rigor, pode não representar algo tão diferente de uma reportagem comum. O que acontece é que “a reportagem em livro tem claras diferenças em relação ao modelo praticado hoje pela mídia da imprensa brasileira” (BELO, 2006, p.41), e pode até mesmo, se for escolhido por quem o fizer, utilizar do mesmo “padrão técnico e conduta, como se fosse publicada em qualquer outro meio de informação” (BELO, 2006, p.41). Não é o caso deste livro reportagem on-line pensado e construído a partir do blog www.quintojornalismo.com.br.

É na posição de ferramenta de análise crítica e aprofundada, com um caráter de colocação de sentido lógico ao conglomerado de informações que desinforma (SERVA, 2001) tratados na contra-perspectiva da grande imprensa, que cria uma realidade deformada (ABRAMO, 2003), que o blog e o livro reportagem on-line se colocaram. A ligação entre os dois elementos, que constituíram e constroem um só produto no final, seguirá a linha de uma interpretação a partir do materialismo histórico ao contexto da sociedade de informação da era pós-industrial, o que desencadeia uma intensificação do processo de globalização.

A abordagem central do livro (das discussões no blog, portanto) foi o déficit de moradias em Curitiba e as políticas segregacionistas praticadas no processo de urbanização da cidade, assunto que já foi inclusive tema do livro *Curitiba e o Mito da Cidade Modelo*, do professor da Universidade Federal do Paraná Dennison de Oliveira. À medida que o aprofundamento dessas informações ocorra, a construção do livro embasou um raciocínio histórico que perpassa as raízes do acúmulo primitivo a partir do início da formação do pensamento moderno e o acúmulo de terras que resulta em êxodo rural. É nesse contexto que se torna possível estabelecer no receptor, por meio do materialismo histórico, uma lógica ao porquê do problema de falta de moradia em Curitiba.

No conteúdo do site, antes, durante e depois da produção do livro-on-line estão notícias, dados, estudos, entrevistas, fotografias, vídeos, áudios, textos... que abarcam em si a missão de mostrar o quanto o repórter influencia no produto final pelas suas escolhas, opiniões, arcabouço cultural, capacidades e possibilidades técnicas (perspectiva da teoria do *newsmaking* (PENA, 2005). Abriu-se o precedente para tentar clarear a relação dicotômica em que “o discurso depende dos sujeitos para existir, [e] isso significa que é produzido por esses sujeitos – não apenas pelo autor da fala ou enunciador, mas também pelo sujeito que lê” (BENETTI E LAGO, 2008, p.108). Então, se por um lado existe a opinião do escritor na hora de selecionar conteúdos, existirá também a opinião do receptor ao construir o significado de determinada mensagem, o que não é indiscutível, visto que é possível ao receptor mudar de opinião. Mas também não serão indiscutíveis os argumentos colocados dentro do blog pelo produtor de conteúdo, já que este espaço possibilita e se propõe ao debate sobre a melhor forma de construir um livro-reportagem on-line a respeito da moradia.

Sobre a organização completa do conteúdo do site, esta depende de que alguém planeje caminhos de navegação do internauta⁵. Nessa “relação entre os itens do conteúdo e os grupos aos quais eles pertencem pode ser hierárquica, hipertextual ou modelo de banco de dados relacional” (D’ANDRÉA, 2006). O layout do site foi escolhido para dar destaque a alguns itens

⁵ Esse poder do organizador do blog de programar os caminhos que foram percorridos pelo internauta estão na explicação da seção “Quem Somos” dentro do blog.



(posts mais recentes), mas a lógica do hipertexto foi utilizada para gerar uma cadeia de interligação entre os conteúdos.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Este projeto teve como resultado dois produtos. Trata-se do blog www.quintojornalismo.com.br e do livro-reportagem virtual “Causos de quem chega à cidade modelo”, que trata da mudança de quatro personagens para a cidade de Curitiba, sendo um deles o próprio autor do livro.

No espaço do blog na internet, durante o período de março a novembro de 2010, foram feitos cerca de 30 posts divididos em seis categorias. São elas: Aspectos Teóricos, Biblioteca, Na Rua, Notícias, Pesquisas e Polêmicas. Nessas divisões foram postadas histórias das entrevistas feitas, artigos e notícias de jornal, impressões sobre a cidade, vídeos, documentos e fotografias feitas durante o processo de produção do livro. Os posts estabeleceram um debate com os leitores, caracterizando-os como participantes da construção do livro-reportagem.

A audiência do quintojornalismo.com.br ficou com uma média de aproximadamente 700 acessos por mês, a partir do mês de setembro. A média de cliques por internauta, medidas pelo sistema VHT *visits*, foi de 2,3. Isso quer dizer que cada internauta abriu, em média, mais de um texto na sua visita.

A proporção entre acessos e comentários foi baixa, o que demonstra uma cultura pouco disseminada de manifestação na internet. No total, o blog recebeu cerca de 60 comentários, sendo que alguns deles são de leitores que acessaram o endereço mais que uma vez. Todos os comentários feitos por internautas no blog estão publicados abaixo dos posts, sem exceção. Este fato torna impossível fazer uma proporção do número de acessos ao número de comentários, uma vez que não se sabe se o visitante do dia seguinte não é o mesmo que comentou no dia anterior.

A escolha do *layout* foi feita em um banco de pré-visualizações por assinatura da plataforma *Wordpress*. Este recurso permite que se faça várias alterações, como cores, número de destaques e velocidade com que as fotos passam na página inicial. A ideia é tornar a manutenção de um site acessível ao público final, ou seja, o próprio produtor de conteúdo.

O uso do tema *Glowtheme* ocorreu pelo seu encaixe com os objetivos do projeto. Além de proporcionar ao internauta um acesso por categorias, é possível conferir as últimas atualizações em uma barra na lateral direita e os destaques vão descendo a página conforme novos conteúdos são postados. Isso dá uma noção de linearidade e atualização contínua, muitas vezes perdida pela limitação do espaço do navegador da web e da própria tela do computador



que permite ver uma realidade estreita, como levantado durante o projeto pela teoria de Roger Chartier (CHARTIER, 2002).

Uma das respostas à quebra de linearidade propostas por este projeto foi a criação do livro a partir do veículo de comunicação que mais contribui para o processo de desorientação cronológica na leitura, a internet. Com base na transparência em um meio no qual as atualizações permanecem em uma ordem com data e horário, foi criada uma sistematização, por meio de links no livro, para que os cliques levem a outros locais, mas que o raciocínio em algum momento volte ao material anterior, no caso, o livro digital.

O “Causos de quem chega à cidade modelo” está disponível na internet pelo serviço gratuito de hospedagem “ISSUU”. O link pode ser acessado no blog quintojornalismo.com.br. Além disso, o livro poderá circular em PDF gravado em pen-drives e CD's, embora estes estejam praticamente em desuso.

O livro tem 122 páginas no formato 16 cm X 21 cm. A escolha de um tamanho com familiaridade aos que costumam ler livros convencionais, impressos, se deu para estabelecer uma proximidade maior do formato usual do livro. No entanto, a novidade está na possibilidade de acompanhar histórias da produção, materiais que foram encontrados e lidos no meio caminho pelo autor.

No decorrer do livro são feitos inúmeros links para materiais do próprio blog, no qual consta boa parte da trajetória percorrida durante o projeto, e para outros endereços da internet. Há a utilização de indicação para sites de jornais, músicas, vídeos e outros on-line.

O livro tem um total de 15 capítulos. O primeiro e último trazem a história do próprio autor e o seu primeiro contato com a cidade grande – a principal causa deste projeto ter sido idealizado. O capítulo dois conta a história de Marlene Aparecida de Moura, uma cobradora de ônibus que vive Curitiba em seu estereótipo da capital modelo. A personagem não se queixa da cidade, apesar de reconhecer, no final da entrevista, que os ônibus sempre atrasam em um determinado horário.

Completam esta edição do livro mais duas histórias de personagens. Um deles é Darci Frigo, membro da coordenação da organização de direitos humanos Terra de Direitos, e outra é Hilma Aparecida de Oliveira, membro do Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN). As duas histórias são narradas ao mesmo tempo, uma intercalada à outra. No final, os dois dão suas visões sobre os desafios dos movimentos sociais, sendo a fala de Hilma mais voltada à atuação nos meios de comunicação alternativa na área urbana. O apontamento de Frigo é mais voltado para uma análise conjuntural da mudança no perfil dos movimentos de luta pela terra, sobretudo na área rural, nas últimas décadas.

Apesar de não ter o papel físico para se agarrar, o livro digital e *on-line* possibilita uma nova maneira de enxergar a comunicação. Afinal, os produtos não são somente despejados aos olhos e ouvidos das pessoas, eles sofrem um processo de transformação, no qual o produtor tem um poder enorme de filtro, muito maior que o do decodificador da mensagem. A partir da consciência de que um produto não surge em uma prateleira e depois de consumido vira lixo, o que se muda não é só a visão sobre o modo de se fazer jornalismo, se muda a maneira como o receptor da informação (produto) enxerga o ser humano por trás das relações de produção.

6. CONSIDERAÇÕES

A comunicação é um instrumento de fundamental importância para a vida do ser humano em sociedade. O processo, por ser dotado desta característica, por si só, já carrega subjetividade, mas quando ela acontece em um plano virtual, embora a essência seja a mesma – comunicar –, há uma série de filtros que se ampliam consideravelmente. Pode-se dizer que, com a experiência deste trabalho, foi constatada a existência da projeção de uma hiper-realidade virtual. Tal fenômeno é equivalente a uma re-mitificação, isto é, há uma tendência a se criar novos mitos, mas mitos com base na hiper-individualidade, já que o ser perfeito a ser projetado trata-se de um “eu”, não mais canalizado a um ser superior, onipotente, onipresente e onisciente, como fizeram os gregos, por exemplo.

No mundo em que quem cria os seres perfeitos são as marcas, é possível dizer que este fenômeno, pelo menos na experiência construída neste trabalho, está presente principalmente nas relações pessoais ocorridas na esfera virtual. Neste projeto, nada menos do que 54% dos acessos ao blog aconteceram por cliques nos perfis de redes sociais pessoais do autor (Orkut, Facebook e Twitter). É um dado extremamente relevante, considerando que uma das ações de divulgação do endereço eletrônico foi disparar uma propaganda por e-mail a cerca de dois mil contatos. Mesmo assim, a maioria dos acessos se deu no núcleo de amigos virtuais do autor das postagens.

Embora as ações feitas em sites de redes sociais (colocar o link como *nick-name*) tenham resultado, em grande parte, em número de acessos, o que se percebe é que a mudança do meio de propagação de uma informação para a internet não possibilita necessariamente uma interação imediata no site ou espaço criado, mesmo que este seja colocado como o grande diferencial da rede. Tal constatação comprova a teoria de Dominique Wolton (2007) de que a transformação do processo de comunicação passa por uma profunda modificação da cultura, não somente da tecnologia.

Justamente pelo contato de um *site* pessoal ter o caráter de intimidade, as intervenções e contribuições para a construção do produto passaram muito mais por conversas instantâneas,



fora do blog, ou conversas pessoais, do que efetivamente se transformaram em comentários registrados no Quinto Jornalismo. As conversas instantâneas revelaram, em sua grande maioria, a necessidade de uma preparação ou inspiração, por parte do interlocutor, para poder escrever algo que tivesse “importância”. Isso demonstra um zelo, por grande parte dos leitores do quintojornalismo.com.br com suas imagens, visto que uma exposição pública na internet, nas palavras de muitos, exige “preparo”.

Quando se analisa a possibilidade de um desconhecido do autor sentir-se estimulado a manifestar sua opinião no espaço virtual, há que existir necessariamente a condição de um grau de sintonia muito grande com a temática em determinado *post* ou no contexto geral do sujeito. É uma tarefa árdua concorrer, por exemplo, com as mídias tradicionais, afinal estas possuem e utilizam de mecanismos de propagação de informação, como canais de televisão, jornais e rádios, fazendo a divulgação de espaços virtuais e de *chats* a milhões de pessoas em sua comunicação de massa.

Um único comentário de alguém desconhecido teve presença no *site*, mas houve a utilização de um pseudônimo, “Minnie Mouse”. A possibilidade aberta na internet, de se escrever anonimamente, foi utilizada por esta leitora para que fosse escrito sobre um tema que nenhum outro leitor identificado escreveu. Foi a citação de assédio sexual cometida por homens no aperto do transporte coletivo.

O comentário aconteceu em uma das postagens que mais tiveram resposta. O texto foi um em que o autor conta algumas experiências pitorescas vividas na cidade em um dia. É interessante analisar como o fomento a comentários se dá de forma mais acentuada em textos pouco comprometidos com grandes análises conjunturais ou estritamente técnicos.

Por ter ainda um aspecto de intimidade, o blog proporcionou muito mais mensagens de solidariedade do que mensagens de sugestões ou críticas para o trabalho. Claro, todos os comentários serviram de alguma forma para orientar a construção do projeto, no entanto, a discussão teórica que se esperava em maior tom dentro do blog aconteceu de maneira leve.

O tema que gerou a maior polêmica foi a Copa do Mundo de 2014 e a falta de consulta e fornecimento de informações à população. Mas as postagens com maior números de comentários são aquelas em que histórias pessoais são “confidenciais” aos amigos virtuais.

É preciso dizer que o mundo virtual não consegue se distanciar da realidade concreta a ponto de representar uma cultura totalmente nova na comunicação por si mesma. Ela trabalha em conjunto com as outras mídias, assim como aconteceu quando o ser humano passou a conviver com a indústria cultural. Pode-se dizer que essa relação de convivência entre meios de informação constitui-se como um canal pelo qual se leva conhecimento às massas. Mas há que se levar em conta o filtro político dessas informações, e talvez esse seja o grande mérito da



internet: proporcionar uma busca de mensagens em espaços alternativos ao da grande mídia. Claro, ressaltando que não basta ter acesso, é preciso desenvolver a cultura de se procurar informações em outros locais que não os mesmos grandes *sites* de sempre.

Em meio a esse caldo, pode-se dizer que, ao longo do projeto, houve a constatação de que a manutenção dos meios hegemônicos de comunicação não está exatamente embasada no direito de propriedade, como em uma primeira hipótese. A partir do convívio maior com a temática da mobilização e agentes da luta por direitos humanos, chega-se à máxima de que de certa forma a luta do movimento social é pela democratização da propriedade – pelo menos em um de seus braços. A propriedade não tem seu acesso democratizado pelo conservadorismo de quem a detém. Quando, por exemplo, há a criminalização dos movimentos sociais, o que se vê é um olhar conservador no qual se materializa uma luta pelo direito de acúmulo cada vez maior.

É possível então reafirmar, ao final deste trabalho, que o jornalismo sempre defendeu uma cultura patrimonialista burguesa, pois nasceu com ela e até hoje não cortou seu cordão umbilical. Nesse trajeto feito pela internet foi possível descobrir que existe uma reinterpretação de mundo pela via burguesa, que inclusive abarca este - já que aqui também se usa um método racionalista para se desenvolver uma linha de pensamento. O fato de o projeto ter por um dos objetivos não ser medido pelo seu possível potencial lucrativo, por exemplo, não impede a obrigatoriedade do cumprimento de algumas etapas que no resultado final terão cumprido apenas normas formais da academia.

Como registro da crítica, da tese de que a internet poderia ser um instrumento transformador, pode-se dizer que houve a geração de uma anti-tese. Esta foi detectada na dificuldade enorme de se concorrer com os meios de comunicação tradicionais, o que quase inviabilizou o projeto. A síntese, depois da desconstrução do imaginário positivo para o debate na internet, ocorreu ao haver a percepção de que não é totalmente equivocado dizer que há mecanismos para se transformar de alguma maneira as pessoas dentro da realidade projetada e virtual. Porém, esse é um processo no qual não se consegue ser mais rápido pela via virtual, a velocidade é a mesma do mundo concreto.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

ALEXA, The Web Information Company. **Top Sites In Brazil: The top 100 sites in Brazil**. Disponível em: <http://www.alexa.com/topsites/countries/BR>. Acesso em 6 abr. 2010.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.



BENETTI, Marcia; LAGO, Cláudia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em 6 abr. 2010.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2002.

D' ANDRÉA, Carlos. **Estratégias de produção e organização de informações na web**: conceitos para a análise de documentos na internet. Ciência da Informação, Vol. 35, Nº 3, 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/708/600>. Acesso em 7 abr. 2010.

DIZARD, Wilson. **A nova mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **O Manifesto Comunista**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

HUNT, E. K.; SHERMAN, H. J. **História do pensamento econômico**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

IBGE revela que população de Curitiba chega a 1,8 milhão. **Paraná on-line**. 2008. Disponível em: <http://www.paranaonline.com.br/editoria/cidades/news/320683/?noticia=IBGE+REVELA+QUE+POPULACAO+DE+CURITIBA+CHEGA+A+18+MILHAO>. Acesso em: 14 jun. 2010.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é Livro Reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e Pesquisa**: A saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

OLIVEIRA, Dennison de. **Curitiba e o mito da cidade modelo**. Curitiba: Editora da UFPR, 2000.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. São Paulo: Editora SENAC, 2001. 2ª Edição.

WOLTON, Dominique. **Internet, E Depois?** - Uma Teoria Crítica das Novas Mídias. Porto Alegre: Sulina, 2007.